

weekend



SEXTA
05.07.13

OS DIAS
ALUCINANTES
DE UMA
CRISE
INESPERADA

LUÍS
SERPA
PORTUGAL NÃO
VIVE DE
ESTRATÉGIAS,
VIVE DE
ESTRATAGEMAS

LUÍS PORTELA

**Se o país não definir um rumo,
quem o pode encontrar?**



LUÍS PORTELA

PEDRO SANTOS GUERREIRO

MIGUEL BALTAZAR



O País vive obcecadamente em crise. Há coisas boas, bonitas

Luís Portela é Prémio Excellens Oeconomia 2013, criado pelo Negócios e pela PwC. A entrega foi feita esta quarta-feira em Lisboa, quando não se sabia se havia ou haveria Governo em Portugal. Quando, dois dias antes, nos encontrámos no Porto para a entrevista, Paulo Portas ainda era ministro. Vítor Gaspar já não.

Encontramo-nos horas depois da demissão de Vítor Gaspar, personalidade central da governação nestes dois anos. O que vale um homem numa organização, que diferença pode ele fazer?

A diferença está sempre nas pessoas, não na organização em si. As organizações são capazes de fazer coisas boas, bonitas, de grande alcance, se têm gente boa. A diferença é essa.

E quando saem...

As pessoas marcam a diferença quando se distanciam da mediania e, se um indivíduo é muito bom, a sua saída marca. Sente-se a falta. A saída do professor Vítor Gaspar é, de facto, uma saída notável. Quer se queira quer não, Vítor Gaspar fez muita coisa bem feita. Nós precisávamos de pagar a dívida e ele encaminhou as coisas nesse sentido; precisávamos de fazer muitos sacrifícios e ele assumiu-se desempoeiramente como o responsável, sem preocupações eleitoralistas, assumiu como missão essa tarefa e procurou fazê-la, a meu ver, honestamente.

Muita gente disse que ele era um homem teórico, que não tinha uma perspectiva prática e terá cometido o erro de não perspectivar ou consentir que dentro do Governo nascesse uma perspectiva desenvolvimentista que vivesse em paralelo com as medidas de austeridade.

“Perspectiva desenvolvimentista”: é a falta de estratégia na economia? Como deve ela existir?

Há uma certa tendência para ora nos considerarmos os melhores, campeões ou quase campeões, ora nos considerarmos muito fracos, a descer de divisão. As pessoas têm um pouco a tendência para hiperbolizar as coisas boas ou em seguida focarem-se naquilo que não presta.

Por exemplo?

O País vive obcecadamente uma situação de crise. Parece-me um exagero o que aconteceu à sociedade portuguesa. O homem da rua, os meios de comunicação, só falam da crise, da desgraça, do mal que nos aconteceu e do que virá a seguir, o que acho despropositado. No país estão a acontecer coisas boas, bonitas. Aconteceram, estão a acontecer e vão sempre acontecer.

Não é defeito mas é feito, é isso?

Não existe cultura de perspectiva de longo prazo. Sobretudo na governação política. Seria útil o Governo chamar os partidos e as forças sociais e tentar desenhar um plano de desenvolvimento para o país a dez ou 15 anos.

Mas há dez ou 15 anos que se diz isso...

Portugal, apesar de todas as críticas na Educação, deu aí um salto qualitativo enorme nos últimos 15 anos. O número de pessoas que têm hoje o 12.º ano, de licenciados, de doutorados não tem comparação. Sob o ponto de vista da Ciência, ainda foi melhor: temos um número de investigadores superior à média europeia; o nível de produtividade científica foi crescendo. Foi um investimento grande. Houve uma política de médio prazo. Tivemos a sorte de ter um ministro em três Governos...

Mariano Gago.

... que definiu uma política e depois aplicou. Os ministros que entretanto apareceram mantiveram mais ou menos a linha e nós tivemos uma política de Ciência nos últimos 15 anos. O país enriqueceu cientificamente, tecnologicamente, culturalmente.



LUÍS PORTELA

>>> página 5

A sua área é, especificamente, outra: a Saúde.

Na Saúde, os indicadores à data do 25 de Abril eram quase terceiro-mundistas, hoje são bons. Por vezes diz-se: gastamos muito mais na Saúde. Pois gastamos! Se gastássemos o mesmo que há 30 anos teríamos uma Saúde terceiro-mundista e não temos. Nós, que tínhamos uma esperança média de vida há 30 anos longe da média europeia, já a temos ligeiramente superior à média europeia. E ninguém fala nisso.

Há uma relação directa entre despesa e qualidade de serviços?

Não. É possível fazer-se melhor com o mesmo ou até com menos, claramente. A linha que o Governo tem seguido, com o ministro Paulo Macedo, é a linha a ser seguida. Mas tenho dito muitas vezes: não façam racionamento, não tomem medidas cegas. Isso é um disparate, porque aí corremos riscos sérios de entrar em áreas onde a população vai sofrer.

Que cortes cegos devem ser evitados?

A área que conheço é a do medicamento. Quando se cortam consecutivamente de uma forma horizontal e algo irracional os preços dos medicamentos, estamos a tomar uma medida que acaba por ser simpática à população, porque paga menos, e que permite a quem gere a Saúde ter menos encargos. Mas as margens diminuíram drasticamente, deixando a indústria portuguesa numa situação difícil. As medidas têm sido muito duras, as multinacionais vão resistindo melhor. As nacionais sofrem muito.

A solução é internacionalizar.

Sim. Mas, sem uma base sólida, fazer a internacionalização é muito difícil ou impossível. O que vem a acontecer no medicamento estende-se hoje à farmácia, e à distribuição [de medicamentos], porque foram cortadas margens. Eu não me lembro das farmácias terem problemas económico-financeiros. Nos últimos 50/60 anos seguramente não tiveram e prestavam um serviço bom ao país. E isto está posto em questão neste momento. Um terço das farmácias têm os fornecimentos cortados pelos fornecedores porque não pagam o que devem. Ignorar isto não é realista. Estamos a tomar medidas um bocado à beira do abismo.

Cortes de despesa levam sempre a pior serviço.

Foi bom terem cortado, de alguma forma, nos medicamentos, mas é preciso saber encontrar o caminho do equilíbrio, deixar as empresas viverem. Nos últimos dez anos foi cortado cerca de 40% aos preços do medicamento. Se se corta mais isto, enfim, não há saída. Por alguma razão as empresas multinacionais têm estado a abandonar e a fechar as fábricas em Portugal.

Por isso é que defende acordos políticos e sociais alargados.

Se fomos capazes de desenvolver a educação, a ciência, a saúde, porque é que não havemos de ser capazes de desenvolver também a economia? O país precisa de focar a atenção na criação de riqueza. Um tipo que cria riqueza é normalmente olhado com desconfiança, quando ter o talento de criar riqueza é o que precisamos. Onde a discussão se pode manter é na distribuição da riqueza que se cria, aí podemos discutir muito. Agora, criar riqueza para o país devia ser abraçado. E acho que devia ser tentada uma solução o mais consensual possível de a 10, 15 anos vermos como é possível encaminharmos as coisas de maneira a criarmos riqueza para o país, um plano de desenvolvimento estratégico, colocando metas.

Mas não metas do défice, suponho...

É preciso registarem-se tantas patentes por ano, para isso é preciso investigadores nas empresas, núcleos de inovação, é preciso termos marcas próprias, comercializadas a nível internacional, novos produtos, serviços competitivos... Tudo isso deveria ter um conjunto de indicadores, objectivos finais, objectivos intermédios, um sistema de controlo. A economia não vive sozinha. Para se desenvolver, como é que a justiça se deve adaptar? E continuar a investir na educação, na ciência. Há países que, quando começam a investir na ciência, mais rapidamente começam a recuperar e dá-se o tal salto da inovação.

Ser competitivo.

Se fomos capazes de desenvolver a educação, a ciência, a saúde, porque é que não havemos de ser capazes de desenvolver também a economia?

E para ser competitivo é preciso fazer a diferença. E se a diferença não é pelo preço, então temos de competir pela inovação. E nós nalgumas coisas somos muito bons. Às vezes desespera um bocado só se ouvir falar de coisas más quando temos núcleos muito bons à escala planetária. Então porque é que não se aposta nesses nichos, não se procura levar esse conhecimento, essa riqueza acumulada nas instituições de investigação, nas universidades, para novos produtos e serviços? Como podemos ser competitivos se não temos novos produtos e serviços patenteados que possamos explorar à escala global? Mas também não admira muito que não tenhamos, porque temos ciência boa do lado das universidades, mas não temos gente a fazer ciência boa do lado das empresas... Temos 22% dos investigadores nas empresas e 78% nas universidades e instituições de investigação. Nos EUA, são 80% do lado das empresas e 20% do lado das universidades. Na Europa, a média anda à volta dos 50%. Como é que se podem fazer omeletas sem ovos?

Mas temos os investigadores, os ovos. Não temos omeletas.

Mas [os investigadores] estão muito focados em fazer a ciência pela ciência. E isso não é bom, o país terá sempre de ter uma quantidade de pessoas a fazer ciência pela ciência. Mas também terá de ter algumas a fazerem ciência focadas no mercado.

É a eterna questão da ligação entre universidades e empresas. De que lado está o problema?

O diálogo entre as empresas e as universidades é tão mais difícil quanto não existam do lado das empresas pessoas capazes de dialogar com quem está do lado das universidades. O empresário não tem a mesma linguagem dos investigadores. Quando vai bater à porta das universidades as pessoas têm dificuldade em saber o que ele quer e vice-versa. Como é que isto se resolve? É ter do lado das empresas pessoas... Uma pequena empresa não vai naturalmente contratar um doutorado, mas deve ter a coragem de contratar um engenheiro que só faz a inovação. Se numa pequena empresa um engenheiro pode fazer a diferença em termos de inovação, num grande grupo então podem fazê-lo os doutorados. O País pagou a formação, através das bolsas da FCT, dos nossos melhores jovens no estrangeiro e agora, aparentemente, não está a criar oportunidades para esses jovens regressarem ao país e fazerem carreira.

Queremos ser tão bons ou melhores que as multinacionais

O que é que a Bial nos pode ensinar ou inspirar para conseguirmos aquilo que, ao longo da nossa conversa, temos dito que não acontece no País?

Quando nós queríamos ser inovadores, e não tínhamos com o quê, procurámos uma aliança com os verdadeiros inovadores do nosso sector, que são as multinacionais. Fomos bater à porta delas, pedimos licenças para as podermos representar e levar à população portuguesa medicamentos que não estavam no mercado nacional ou que estavam com uma marca que nós entendíamos que tinha um potencial grande e que, por isso, mereceria uma segunda marca.

Tivemos um pouco de sorte, o primeiro projecto foi o Reumon gel, que ainda hoje tem uma posição muito importante no mercado dos anti-inflamatórios tópicos. Foi uma licença da Bayer e, ao fim de seis meses, o produto era líder de mercado. Esse foi o melhor cartão de visita para batermos à porta de outras multinacionais. E, quando as coisas correm bem em Portugal, começámos a pedir licenças para ir para a África, Espanha, América Latina...

E o que aprenderam com essas multinacionais?

Aprendemos a comercializar ao melhor nível, conseguimos quotas de mercado em Portugal muito boas. Nós não procuramos ser melhores que as farmacêuticas nacionais portuguesas, nós queremos ser tão bons ou melhores que as multinacionais.

Com os contratos de comercialização que fizemos, éramos também obrigados a produzir segundo os padrões mais exigentes e, por isso, fomos interiorizando as melhores normas de produção. Fomos, também, aprendendo a constituir um núcleo de investigação inovador. Contratámos técnicos norte-americanos, de uma empresa para recém-reformados, gente com cinquenta e muitos, 60 anos, com muito “know-how”. Contratámos um homem da área do marketing e um homem da área da investigação químico-farmacêutica. Procurámos contratar os melhores que podíamos a nível europeu. Não olhávamos para um pequeno espaço, tínhamos a ambição de olhar para fora.

Alguns gurus e um conjunto de técnicos portugueses fizeram um levantamento, durante seis meses, em termos globais, sobre investigação químico-farmacêutica: para onde ia, quais as linhas de tendências, quem é que fazia falta, se eram químicos, biólogos, médicos, e para desenvolver o quê. Isto foi há 25, 30 anos. Nessa altura, nem os produtos da área cardiovascular, nem os das neurociências estavam a entrar no mercado e, por isso, a equipa concluiu que essas seriam as linhas a desenvolver. Juntámos a equipa e avançámos.

Quais foram as reacções na altura?

Diziam: “Você é tolo, como vai conseguir que

venham ingleses ou franceses trabalhar para Portugal?”. As pessoas esquecem-se de que há muita gente que, em dada fase da carreira, resolve fazer uma aposta diferente. Fui percebendo que Portugal, afinal, podia ser atractivo. Uma empresa que tivesse um projecto, equipamentos simpáticos, instalações razoáveis, podia ser atractiva. Algumas pessoas vieram por dois, três anos, cumpriram os contratos e regressaram aos seus países. Outras ficaram, trouxeram a família e estão aí. Temos pessoas de nove países diferentes. Claro que têm saído alguns estrangeiros, assim como portugueses, que as multinacionais vêm cá buscar.

Não choraminga com isso?

Não, isso faz parte das regras do jogo. É o que acontece quando damos formação aos nossos quadros. Por vezes, diziam-me: “Quanto melhores ficam, mais fogem”. Está bem, mas se eles não forem bons, então não fazem as coisas acontecer. Quando nós investimos, alguns sairão, mas isso também é uma oportunidade para alguns mais jovens poderem crescer ou para irmos buscar outros. A economia funciona assim. E a ciência também. É assim que as coisas devem funcionar.

Nestes 30 anos, houve algum momento especialmente marcante que tivesse ditado o sucesso ou foi tudo foi correndo, suavemente, ao longo do tempo?

Nestes 30 anos, tive muitas noites de mau dormir face a situações difíceis, mas mantive uma postura de longo prazo. E quando assim é, acabamos por minimizar as pequenas catástrofes do dia-a-dia. Estamos focados em coisas maiores. Com a experiência, vamos percebendo que o mundo não acaba só porque algo correu mal. A minha equipa sintetizou 12 mil moléculas ao longo destes últimos 20 anos, o que é fantástico, mas é preciso ver que apenas seis sobreviveram, o que quer dizer que todas as outras foram para o balde do lixo...

Se temos um plano de longo prazo, temos obrigação de perceber as coisas de uma forma que torna mais fácil encarar uma situação difícil no curto prazo, controlá-la e encontrar soluções alternativas. É por isso que eu gostaria que os portugueses tivessem um governo que definisse um plano de desenvolvimento de longo prazo. “Rapaziada, as medidas que estamos a tomar agora são para o país viver melhor. A dez anos de distância, já serão visíveis alguns resultados...”. Seria ver a luz ao fundo do túnel. E é isto que está a fazer falta. Os portugueses têm um enorme desgaste com medidas restritivas, de austeridade. Mais do que pelas medidas de austeridade em si, as pessoas estão desgastadas por não estarem ver a luz ao fundo do túnel. **W**

Há outro desencontro além do da linguagem: o tempo. A investigação é a longo prazo, a gestão é de curto.

Sim, claro. Em Portugal, a tradição de ver as coisas a longo prazo é pequena. Eu não quero parecer um grande crítico das empresas, mas tenho dito que, se as grandes empresas portuguesas não apostarem em definitivo na inovação... Foi muito simpático a criação da Cotec, mas desde a criação da Cotec até agora há de facto um maior número de patentes das empresas portuguesas? Há de facto um maior número de investigadores por parte das empresas? Há de facto um maior investimento das empresas em investigação e desenvolvimento? Penso que ainda se fez muito pouco e é uma pena. Repare, não há marcas portuguesas. Enquanto um país não tiver patentes suas, algumas marcas das suas empresas que se imponham a nível internacional, não podemos ter uma economia muito competitiva. Se calhar vale a pena desafiar os industriais portugueses, os investidores, os empresários para encontrar soluções interessantes nas suas áreas. Eu vejo coisas feitas em Portugal com qualidade e às vezes penso que é pena isto não ir lá para fora.

Quer dar exemplos?

Acredito muito na indústria tradicional, têxteis, calçado, imobiliário, onde temos “know-how” e tradição grandes. Parece-me que alguns empresários têm ficado a viver o dia-a-dia, a darem continuidade aos negócios, sem arriscar. E vejo com bons olhos quando alguns desses empresários apostam na evolução tecnológica. Na área têxtil, quando temos uma t-shirt já comercializada que faz o registo electrocardiográfico, é uma coisa muito simpática e que pode trazer muito dinheiro para o país. Quando eu vejo um slip para, em situações de incontinência urinária, absorver urina e automaticamente desodorizar, isso não é um foguetão para ir a Marte, mas é uma coisa de uma importância do dia-a-dia dos idosos muito grande. Trabalho da Universidade do Minho com a Impetus, empresa têxtil de confecção de roupa interior.

É um optimista. Consegue ver a luz ao fundo do túnel para o País?

Sim. Se cada empresa, se cada associação, se cada família, procurar cumprir a sua parte, o país há-de desenvolver-se naturalmente. Embora o Governo não vá fazer milagres, deve cuidar de criar uma nova ambição para que os portugueses se foquem positivamente nas coisas, e traçar um caminho para que coisas novas, boas, aconteçam. Se o país não definir um rumo, quem é que o pode encontrar? Vamos andando aos solavancos sem saber para onde?

“Não creio em milagres. Admito formas de energia ainda não dominadas”

Luís Portela não acredita em milagres. Acredita em energias desconhecidas que a ciência deve estudar. “O povo fala na força do pensamento e eu acredito que quando as pessoas colocam o seu pensamento de forma positiva, conseguem fazer acontecer coisas bonitas.” O seu livro último livro, sobre o assunto, esgotou em dois dias.

O seu último livro, “Parapsicologia, Entre a Crença e a Ciência”, é um livro de um homem de ciência, de um céptico ou de um crente?

Eu nasci num país católico e fui educado de forma católica. Aquilo que na minha juventude me fez parar em torno dos problemas existenciais e da espiritualidade foi, sobretudo, parecer-me que a humanidade aceita, de forma demasiado fácil, a existência de fenómenos descritos desde a Antiguidade que estão relacionados, muitas vezes, com aquilo a que se chama de parapsicologia; e a mesma humanidade rejeita isso, também de uma forma demasiado fácil, sob o ponto de vista de ciência. Como é que as pessoas aceitam, de forma tão fácil tanta coisa e, sob o ponto de vista da ciência, rejeitam quase tudo? E fui alimentando a ideia de que, perante aquilo que via e estudava, provavelmente caberia à ciência tentar demonstrar o que, de toda essa fenomenologia, era verdade e o que era mentira.

Estava convencido, naquela altura e hoje, que quando a ciência avançar nessas áreas, vai, provavelmente, demonstrar que muitos desses fenómenos são fantasias, mas também poderá demonstrar que alguns deles são verdadeiros, encontrando, para tal, uma explicação racional, como tem acontecido ao longo da história da humanidade. Tivemos um século XX fantástico de produção científica. O domínio do homem sobre a matéria é hoje imensamente superior ao que era há cem anos. Tenho pena que a ciência não tenha apostado, também, nessa outra face, na área espiritual.

Daí o seu percurso nesta área enquanto área de estudo.

Aquelas foram as razões pelas quais eu decidi ir para medicina e, depois, para psicofisiologia. Não me interessava estudar o homem doente, mas o homem saudável, a neuropsicofisiologia: para que servem aqueles milhões de neurónios? Ganhei uma bolsa para fazer um doutoramento em Cambridge e, depois, coloquei a hipótese de estudar parapsicologia para aproximar as duas áreas.

Dada a morte prematura do meu pai, aos 50 anos, a minha vida deu uma volta grande e optei por dedicar-me à empresa, mas mantive-me atento e sempre apaixonado por estas áreas. E, por minha iniciativa, a Bial criou uma fundação, há vinte anos, que já apoiou 460 projectos de investigação nestas áreas, cerca de metade para a psicofisiologia e outra metade para a parapsicologia, envolvendo mais de mil investigadores de 27 países.

Mas não se envolveu muito.

O Luís Portela, durante o seu período de presidente da companhia, resolveu manter uma posição relativamente distante, de independência, mas resolveu também afastar-se progressivamente da gestão e ir pegando naquelas coisas de que gosta. Há ano e meio, achei que era altura de preparar o livro e satisfazer, de alguma forma, a curiosidade de algumas pessoas sobre, afinal, o que é que o Luís Portela pensava. Com este livro, ofereço aos leitores a possibilidade de saberem o que é que eu penso, com um trabalho – que penso que não existia – que procura conjugar saberes tradicionais na área da espiritualidade com aquilo que a ciência tem vindo a fazer nas últimas décadas.

A vida é uma grande escola a partir da qual temos oportunidade de aprender e eu sempre tive prazer em partilhar o que aprendo, não só com os filhos, com os amigos. Por outro lado, em pleno século XXI, falta à humanidade reflectir um pouco sobre se não será altura de dizer “basta” a este embevecimento material em que estamos a viver. Pondero se não será altura de nos questionarmos se estamos a viver de acordo com uma certa harmonia universal ou se estamos a afastarmo-nos daquilo que deveriam ser as tendências normais da nossa atitude à superfície da terra. O livro é, de alguma forma, um sinal de alerta, mas que, no fundo, traz uma mensagem de desafio à ciência: “Vocês não acham que é melhor arregaçarem as mangas e dedicarem-se a demonstrar o que é verdade e o que é mentira do que é apresentado nestas áreas”?

Para si, é: a ciência deve dedicar-se a essa demonstração.

Porque é que a ciência não investe forte nestas coisas? A telepatia é hoje, consensualmente, aceite mesmo no mundo da ciência. A parapsicologia ainda não é considerada uma ciência, mas é uma disciplina científica admitida nos grandes fóruns internacionais. Porque é que não se vai mais fundo? Há muita fantasia e exploração da ignorância. E a melhor maneira de se acabar com essas fantasias dos “bruxedozinhos” e “videntezinhas” é tornar explicável essas fantasias. Tal exige um esforço que, a meu ver, deve vir do lado da ciência.

Não acredita em milagres?

Não, não acredito em milagres. Acho que a humanidade habituou-se a chamar milagres, mistérios, a coisas que ainda não estão explicadas. Admito que existam determinadas formas de energia que ainda não são dominadas. Admito que, ao conhecer essas formas de energia, vai ser possível explicar, dentro de uma ordem lógica normal, aquilo que é hoje chamado de milagre.

Como é que isso se conjuga com a educação católica que teve?

Aos 12 anos, eu pedi licença à minha mãe para não ir à missa [sorriso]. A minha mãe autorizou-me. Sou um homem que sente necessidade de reflectir sobre os problemas, que sente necessidade de partir ao encontro de si próprio. Sou um homem que tem necessidade de manter esse exercício diário. Mas não sinto necessidade de ter determinadas práticas que as religiões pedem aos seus acólitos. Respeito, não tenho nada uma atitude anti-religiosa, acho que as religiões prestaram grandes serviços à humanidade. No entanto, olhando para trás, identifico, na generalidade das religiões, um caminho de afastamento do essencial da mensagem dos seus mestres. Se as religiões se focassem no essencial destas mensagens, provavelmente haveria um caminho de aproximação. Por vezes, até digo: se as religiões se focassem no essencial do essencial, provavelmente encontrar-se-iam na verdade total. E, nessa altura, teríamos só uma religião, não faria falta termos muitas. O que, normalmente, divide as religiões é a complexidade de coisas que criam à volta.



Jesus Cristo é um dos mestres a que se está a referir?

Tenho uma enorme admiração pela figura de Jesus Cristo. Não tenho um aparelho para medir se ele foi o ser mais espiritualizado, mas que ele foi um ser fantástico, dos melhores, admito que foi. Para mim, Jesus Cristo era um homem de uma simplicidade enorme, um homem que pregava ao ar livre. Conta-se que uma vez foi verberar a actuação daqueles que estavam nos templos. Contudo, os seus seguidores ergueram templos por todo o lado, ornamentando-os com tudo que é talhas, ouro, prata, o que, a meu ver, não terá absolutamente nada a ver com a mensagem do mestre.

Eu estou a dizer mestre, considero Jesus Cristo um mestre. Não me incomoda se disserem que eu sou um cristão e não me incomoda porque considero que Jesus Cristo é um modelo que eu quero seguir. Mas também devo dizer que não me importo se me chamarem budista. É um modelo que eu também tenho prazer em seguir, são seres fantásticos. Ou se disserem que sou taoista... Se formos à essência da mensagem dessas pessoas, eu acho que deixaram uma mensagem de espiritualidade, de respeito pelas leis universais, que tem muito pouco que ver com as fantasias que foram criadas à volta dessas mensagens.

A recusa do materialismo, que referiu, é um discurso na essência religioso. A religião é um suporte moral?

Foi-o em muitas situações.

E a ciência deve compreender isso em vez de destruir isso?

São coisas diferentes. A religião desempenhou papéis absolutamente importantes na forma como a humanidade foi aceitando viver, defendendo o respeito pelos bens universais. No entanto, a prática das religiões afastou-se, muitas vezes, disso. Falo das diversas igrejas. E nós temos, nos nossos dias, igrejas muito próximas ou distantes nos seus conceitos, que se guerreiam.

De que guerras está a falar?

O que se passa na Palestina, o que se passa na Irlanda do Norte, o que se passa em tantos lados mundo fora, no Egipto, na Síria. Há, por trás de tudo isso, uma acção religiosa que me parece bastante perversa. A prática efectiva das generalidade das religiões afastou-se, muitas vezes, do conceito teórico. Não faz sentido que uma religião, seja qual for, possa defender a guerra. E, no entanto, isso continua a ser defendido. A generalidade das religiões aceita a atitude de guerra, defende,

Se as religiões se focassem no essencial do essencial, provavelmente encontrar-se-iam na verdade total. E, nessa altura, teríamos só uma religião.

ou incentiva mesmo. Claro, quando falo assim, as pessoas que estão do lado do cristianismo dizem: “Isso são os muçulmanos”. E os outros: “Isso são os cristãos, olhem o que fizeram na Idade Média...”.

Falou da existência de uma energia que nós ainda não compreendemos. Mas que não é Deus, ou um deus. Está a falar como cientista? Como perceber uma energia que desconhecemos?

Um investigador francês colocou um quadrado, com um metro de lado, fechado à volta por uma parede transparente, atravessado por feixes laser que registavam numa parede, com riscos, a leitura de tudo que ali se atravessava; e depois colocou um pequeno robô de um lado para o outro, tipo brinquedo de criança. O resultado foi um desenho homogêneo e aleatório de traços. Depois, fez a mesma experiência mas colocou, fora do quadrado, um coelho esfomeado que já não ingeria alimentos há 24 horas. O coelho não podia passar para dentro do quadrado, apenas podia meter o focinho por uma reentrância. Pôs lá o robô outra vez, para trás e para diante. O desenho mostrou o mesmo traçado aleatório. Finalmente, fez a mesma experiência, com o coelho, mas com uma cenoura crua em cima do robô. Sabe o que aconteceu? O robô vai para trás e para diante, mas nota-se que a grande parte do riscado do ecrã é na metade do lado onde está o coelho.

Qualquer um pode fazer a experiência, o coelho não faz batota, e eu pergunto: que energia é que puxa o robô para o lado onde está o coelho esfomeado?

A tal energia desconhecida?

O povo fala na força do pensamento e eu acredito que quando as pessoas colocam o seu pensamento de uma forma positiva, conseguem fazer acontecer coisas bonitas. Acredito também que quando as pessoas colocam o seu pensamento de forma negativa, conseguem fazer acontecer coisas desagradáveis, destrutivas. Estudar essa energia é importante. Provavelmente, ao estudá-la, vamos tornar-nos mais responsáveis, vamos perceber que o nosso pensamento tem uma força superior àquela que hoje admitimos, vamos perceber que hoje podemos estar a construir, de facto, o nosso amanhã, através da força do nosso pensamento. Vamos querer perceber que aquilo que nos está a acontecer hoje é pelos maus pensamentos, pelas más palavras que tivemos no passado ou pelas boas palavras e pensamentos que tivemos. Provavelmente, vai dar-nos uma outra dimensão da nossa passagem pelo planeta Terra.

Faz sentido? **W**